



## **LIVROS PARA A INFÂNCIA NAS TEMÁTICAS DE GÊNERO, SEXUALIDADES, DIFERENÇAS/DIVERSIDADES: POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Constantina Xavier Filha<sup>1</sup>

Os livros para a infância nas temáticas de gênero, sexualidades, diferenças/diversidades podem ser utilizados como recursos pedagógicos para discussão, reflexão, estudo, sensibilização entre outras possibilidades teórico-metodológicas em momentos de formação docente, tanto na etapa inicial quanto na continuada. Muitos/as professores/as perguntam sobre quais seriam os livros considerados ideais para serem utilizados em suas práticas educativas com crianças pequenas. Questionam: Como articular as discussões com crianças pequenas? Como incorporar essas discussões no currículo da educação da infância? Como ler as narrativas, imagens, silêncios, ditos e não-ditos? Quais livros estão disponíveis no mercado e quais os mais recomendados para crianças? Qual a faixa etária indicada pelos livros? Quais representações de gênero, de sexualidades, de diferenças, de diversidades esses livros veiculam em seus textos e ilustrações? Essas questões têm muito a nos dizer. Elas instigaram pesquisas que realizamos nos últimos anos tomando os livros como fonte de estudos. O referencial teórico que embasa a análise é a dos Estudos Culturais, dos Estudos Feministas e dos pressupostos foucaultianos.

Nesse artigo tenho por objetivo socializar dados de pesquisas e também destacar experiência realizada em disciplina no curso de Pedagogia com a utilização dos livros infantis como instrumentos de estudo e reflexão em momentos de formação inicial.

### *1. Livros para a infância como fontes de pesquisas*

Por que analisar livros para a infância como fontes e/ou objetos de pesquisa? O que eles apresentam de especial que justifiquem estudos, questionamentos e reflexões? Como esses livros se constituem em artefatos culturais capazes de produzir auto-reflexão em seus leitores e leitoras? Por que esses livros são temidos por muitas pessoas adultas? Quando

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Atua no Departamento de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Educação Social – CPAN/UFMS. [tinaxav@terra.com](mailto:tinaxav@terra.com)



esse ‘gênero literário’ ganha emergência no mercado brasileiro? Quais são os/as principais autores ou autoras desses livros? Que referencial teórico privilegiam? Em que se assemelham e diferenciam? Quais as mudanças percebidas nos conceitos dos livros publicados no século passado com os contemporâneos?

Perguntas e mais perguntas... Elas impulsionam vários estudos que analisam o potencial educativo desses livros e de outros artefatos culturais produzidos para a infância. A maioria dos/as autores/as compartilha a ideia de que esses artefatos produzidos culturalmente e socialmente educam ao expressar formas de ser masculino ou feminino, entre outras temáticas que acabam por constituir identidades (FELIPE, 1998; 1999; SABAT, 2001; FURLANI, ???; XAVIER FILHA, 2001, 2009).

As pedagogias culturais instigam-nos a pensar sobre o que está sendo produzido para a infância na atualidade e sobre como as crianças se apropriam de tais produtos mediante discursos e constituição de suas identidades. Os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e instituem a forma adequada e “normal” para a vivência da sexualidade e da feminilidade ou masculinidade. Giroux e McLaren (1995) ressaltam que há pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento seja produzido. Assim, os vários contextos educacionais da sociedade, bem como seus vários artefatos culturais, como cinema, mídia, revistas, livros, brinquedos, entre outros, expressam e fazem circular discursos que produzem determinadas subjetividades. Entender os livros como artefatos culturais e que expressam pedagogias leva-nos a analisar os textos e ilustrações e buscar problematizações sobre os conceitos, sobre formas de instigar a reflexão e a auto-reflexão dos sujeitos leitores.

Priorizar os livros como fontes de estudos ocorreu a partir do fascínio que tenho pela literatura infantil<sup>2</sup> e pelo interesse em investigar sobre os artefatos culturais produzidos para a infância e, sobretudo, como elas produzem significados sobre eles. Outra questão foi o fato de que venho estudando as temáticas da sexualidade, gênero e diversidades há vários anos e com isso interesso-me pelas produções culturais a esse respeito. A seguir passo a descrever brevemente sobre algumas pesquisas realizadas destacando dados que merecem ser problematizados.

<sup>2</sup> Não vou me deter aqui sobre a discussão se os livros em questão devam ser considerados como literatura. Há discussões ressaltando a pretensão pedagógica em ensinar desses livros em detrimento da criatividade, imaginação que os livros considerados de literatura teriam. No entanto questiono se também os considerados de literatura também não teriam um alcance pedagógico visto que são elementos de pedagogia cultural, portanto, tudo pode ensinar independente da temática ou da forma de abordagem presente nesse artefato cultural.



## 2. Qual o livro ‘ideal’ para a educação para a sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual com/para crianças?

Essa é uma pergunta recorrente quando trabalhamos em formação docente. Inclusive essa foi a problemática que me instigou a realizar o primeiro estudo tomando os livros como objetos de análise. A pesquisa<sup>3</sup> realizada entre os anos de 2000 e 2001 teve como propósito coletar livros infantis que estivessem a venda em livrarias na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Coletamos na época um total de 23 livros, dos quais 18 deles foram válidos para a investigação. As categorias de análise encontradas foram as seguintes: biológica; religiosa; agropecuária e histórico cultural.

Essas categoriais não são estanques ou excludentes entre si, ou seja, há livros que apresentam várias dessas categorias em seus textos e ilustrações. A ênfase nos livros, em sua maioria, é pelos discursos biológicos, normativos e moralizantes. Poucos foram os que priorizam as crianças como seres pensantes e sexuados. Alguns livros foram categorizados na ‘perspectiva agropecuária’. A denominação dessa abordagem pareceu-me bastante sugestiva e condizente com a prática econômica significativa no estado de Mato Grosso do Sul. As principais características desses livros são as seguintes: a) apresentam relação entre a sexualidade humana e a reprodução de plantas e animais; b) colocam humanos e animais em um mesmo patamar em relação ao cuidado da prole; c) priorizam os aspectos biológicos de humanos e animais.

Um exemplo significativo dessa abordagem é a costumeira utilização do termo ‘sementinha’ para designar o óvulo ou o espermatozóide com o pretexto de ensinar as crianças sobre a concepção. Outro dado utilizado nos livros é a explicação da concepção humana e/ou do ato sexual como algo da ‘natureza’ portanto também presente em outros seres animais. Questões como prazer, escolha, opção não são priorizados nos livros que adotam essa perspectiva. Como se vê, ela está intrinsecamente ligada a biologia. Tal premissa reforça discursos biologizantes e essencialistas da constituição do sujeito e da vivência da sexualidade. O ato da concepção é visto como algo inquestionável para o destino das pessoas (e também dos animais) e, em especial, das mulheres. A maternidade é algo irrefutável e desejável para a completude feminina. A questão religiosa perpassa os livros de forma menos

<sup>3</sup> XAVIER FILHA, Constantina. *A sexualidade nos livros infantis: a mediação no processo de educação sexual.* Campo Grande, MS: UFMS, 2001. [Relatório de pesquisa]



contundente apresentando enunciados que nos levam a pensar na criação da humanidade por obra divina e que a concepção também é um milagre da vida. A família dita burguesa composta por pai, mãe e filhos/as foi a única possibilidade de constituição familiar presente nos livros analisados naquele período. Percebeu-se a inexistência de temas como masturbação, homossexualidade e violência sexual.

Alguns anos após a conclusão dessa pesquisa, retorno a discussão e análise dos livros. Agora não só com os direcionados às crianças e adolescentes mas também ao público adulto com a pesquisa “*Já é tempo de saber...*”: *a construção discursiva da educação sexual em manuais e em livros infanto-juvenis – 1930 a 1985*. O produto dessa pesquisa foi um Catálogo Digital de Bibliografias sobre Sexualidade, Educação Sexual e Gênero – 1930 a 1985. Esse catálogo apresenta os dados coletados e analisados na pesquisa além de ser um banco de dados para pessoas interessadas em estudar essa temática tomando os livros como fontes.

Na pesquisa coletamos um total de 361 livros denominados de manuais (para o público adulto) e os para a infância e adolescência com as temáticas da sexualidade e gênero. Um dos critérios para a seleção das fontes foi terem por característica conter orientações relativas à sexualidade na infância e na adolescência/juventude e indicativos de sua educação, além de se apoiarem em ciências biológicas, médicas, psicológicas, pedagógicas e religiosas. A linguagem impositiva, normativa e prescritiva constitui um dos elementos fundamentais que faz com que os manuais e livros infanto-juvenis sejam instrumentos privilegiados. A criança, especialmente, é tomada como objeto de conhecimento: passa a ser esquadrinhada, medida, estudada, hierarquizada, homogeneizada. Este procedimento estabelece divisões, atribui rótulos e fabrica a criança “normal”. A educação da sexualidade e de gênero também tem por objetivo, por intermédio dos discursos veiculados pelos livros, orientar a conduta das pessoas adultas para atuarem diante das manifestações de sexualidade de crianças e adolescentes/jovens ou mesmo indicar a conduta idealizada para que meninos e meninas se constituam.

Os livros foram agrupados segundo as tipologias direcionadas a cada público-alvo: encyclopédias infanto-juvenis (indicadas para adultos ou para crianças e jovens); manuais (livros em geral e os de puericultura indicado para o público adulto). Deste montante, os manuais constituem a maioria. Somando-se os manuais aos de puericultura, o total é de 266 livros. A intenção é, claramente, privilegiar o público de pessoas adultas para a tarefa de



educar sexualmente crianças e adolescentes/jovens. Os manuais apresentam discursos, conceitos e sugestões fundamentados, em sua maioria, nas ciências médicas e *psi*. Há também os de cunho religioso. A tônica destes livros é orientar a conduta dos adultos no tocante às formas e estratégias da educação sexual/gênero de crianças e adolescentes/jovens.

Os livros infanto-juvenis encontram-se em número reduzido; são apenas 50. Dentre os livros, há os que são totalmente dedicados à temática da sexualidade e da educação sexual na infância e na adolescência/juventude; outros tratam das maneiras de se cuidar das crianças e adolescentes/jovens e de os educar.

Em continuidade a esse estudo, dei prosseguimento com outra pesquisa priorizando somente os livros para a infância e ampliando o arco histórico de 1930 até 2010. A pesquisa em andamento constitui-se a partir de dois eixos teórico-metodológicos, a saber: a) pesquisa bibliográfica, que tem por fontes livros para a infância com os temas sexualidade, gênero e diversidades; como produto deste eixo, ao final do processo de investigação será elaborado um catálogo digital com todas as obras coletadas, selecionadas e analisadas com a intenção de socializar as fontes para posteriores pesquisas; e b) a pesquisa-ação colaborativa realizada em escola pública com educadores/as que atuam na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental e com crianças, estudantes desta instituição; pretende-se coletar dados para a produção de materiais educativos, especialmente livros infantis, não apenas destinados à infância, mas contando com sua efetiva participação.

Os dados coletados dessas últimas duas pesquisas ressaltam que a partir da segunda metade do século XX há um aumento editorial significativo de livros com as temáticas priorizadas na pesquisa para o público infantil. Nas últimas décadas os livros publicados no Brasil ganham espaço junto aos traduzidos de outras línguas. Apresentam os temas de diversas formas a depender do período histórico em que foram publicados influenciados a partir do referencial teórico e moral de cada época. No entanto, há elementos presentes na maioria dos livros independente desses fatores. A heretosexualidade configura-se como a única e desejável possibilidade de constituição da identidade sexual. A homossexualidade aparece sutilmente nos livros analisados especialmente quando a temática é a diversidade familiar.

Outro assunto recorrente é a construção do corpo feminino ligado a procriação. O corpo reprodutivo é um dado ‘natural’ desejável e esperado para as meninas. O corpo é representado em alguns livros com ênfase nos aspectos biológicos da reprodução. A



sexualidade é quase sempre desvinculada do prazer. Os corpos, masculino e feminino, são fragmentados com ênfase no aspecto biológico e na construção de corpos considerados sinônimos de beleza: corpos jovens, magros e brancos.

Os livros das décadas da primeira metade do século XX apresentam conceitos ora religiosos, ora da medicina e ora da moralidade da época. Há alguns que ressaltam todos esses temas conjuntamente. Outro aspecto a destacar na análise dos livros é que apresentam duas perspectivas de infância. Uma assexuada que necessita aprender para conduzir sua sexualidade e outra de uma infância sexuada que necessita ser educada para não vir a ter problemas futuros. É sobre o papel que os livros desempenham que nos interessa. Entendê-los como instrumentos de dispositivos pedagógicos cujo objetivo é para a própria criança, ou o/a pré-adolescente, possa se autoeducar e, com isso, adotar comportamentos considerados “normais”, ou “corretos”, na construção da própria identidade, em especial a sexual e a de gênero.

Os dados aqui expressos, apesar de inconclusivos, apresentam aspectos importantes a se problematizar. Os livros para a infância apresentam conceitos em seus textos e ilustrações que indicam o que é considerado ‘normal’ para a vivência da sexualidade nesse período da vida. Percebe-se uma predominância de linguagem impositiva e normativa que visa a dizer o que é considerado correto para educação sexual de crianças.

Os livros publicados<sup>4</sup> mais recentemente tentam questionar esses enunciados e propor novas formas de socializar informações, sair do que é considerado meramente pedagógico para indicar possibilidades de diálogo, ludicidade, criatividade, imaginação e reflexão. A criança é vista como sexuada e que questiona a sua vida, sobre suas dúvidas sobre todas as coisas, inclusive sobre sexualidade. As questões de gênero passam a ser discutidas e questionadas. Meninas ocupam lugares de destaque e de comando. Os meninos passam a experienciar possibilidades de serem frágeis e poder chorar. As famílias homoafetivas passam a ter visibilidade juntamente com os outros arranjos familiares. A homossexualidade ainda é pouco presente nesses livros. Outros temas como violência sexual e masturbação na infância ainda são quase inexistentes.

Os dados aqui destacados já nos indicam que os livros para a infância são importantes fontes para estudos, pesquisas e reflexões constantes. A utilização desses artefatos em

<sup>4</sup> Publiquei dois livros para a infância tomando as crianças como sujeitos ativos e produtoras de cultura. Ver XAVIER FILHA, Constantina. A menina e o menino que brincavam de ser. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2009. XAVIER FILHA, Constantina. ???



momentos de formação docente também se mostra com muita fertilidade. Outras questões podem ser pensadas a partir dessa constatação: Quais seriam os aspectos importantes para a escolha de um desses livros para mediar a prática pedagógica? Como os livros podem ser utilizados como elementos mediadores na formação docente? É sobre essa experiência que passo a descrever a seguir.

### *3. Experiências de formação docente: o livro como instrumento de dispositivos pedagógicos*

A estratégia de utilizar os livros como elemento reflexivo e problematizador em momentos de formação docente tanto na graduação quanto na formação continuada tem se mostrado exitosa em minha prática pedagógica. Já experimentei várias maneiras de utilizá-los. Vou destacar a realizada em uma turma de 3<sup>a</sup>. série na disciplina obrigatório denominada “Educação, Sexualidade e Gênero” do curso de Pedagogia com habilitação para a Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental no ano de 2009.

Após as discussões teóricas envolvendo as temáticas priorizadas na disciplina (Sexualidade como dispositivo histórico; Gênero como categoria analítica; A construção cultural do corpo; Artefatos Culturais para a educação da infância; Heteronormatividade, Identidade sexual e de gênero; Educação para a Sexualidade; Violência sexual contra crianças; Pedagogias culturais; Educação para a Sexualidade para a infância, entre outros), introduzi os livros para a infância para a leitura dos/as acadêmicos. Vários livros foram dispostos no chão da sala para que os/as acadêmicos/as pudessem manuseá-los, folheá-los e lê-los. Em seguida, em uma discussão coletiva, analisamos as sensações e sentidos provocados com o contato com os livros. Essas impressões foram relatadas posteriormente em portfólio de aprendizagem. Cada cursista foi convidado/a a escrever todo o processo de desenvolvimento de sua aprendizagem na disciplina. Vemos abaixo reflexões provocadas com essa atividade.

“Existem livros infantis com esses assuntos? Sério?!? Não acredito. Só acredito vendo! Confesso que até o momento nunca tinha visto livros que abordassem temáticas como gênero, sexualidade e diversidade. Mas como trabalhar e como saber que faixa etária corresponde a cada livro? Não sei se daria aos meus filhos um livro desses...” (Trecho do Portfólio de acadêmica de Pedagogia – 3<sup>a</sup>. série).

“Esta atividade foi reveladora, pois até então não havia refletido ou até mesmo lido a literatura infantil sob o prisma da sexualidade e gênero. Durante a análise literária, a abordagem agropecuária ou biológica permeou os livros. Hoje penso como fica mais fácil a compreensão para a criança sobre a temática, quando o assunto é tratado com



naturalidade, com linguagem clara e objetiva.” (Trecho do Portfólio de acadêmica de Pedagogia – 3<sup>a</sup>. série).

Esses dois trechos são significativos pois demonstram uma realidade presente nos diversos momentos de capacitação que já realizei. Os livros para a infância com as temáticas da sexualidade e gênero são desconhecidos pela grande maioria das pessoas. Quando percebem a existência desse gênero, há um misto de euforia e ao mesmo tempo de contenção dos adultos. Há um medo da utilização dos livros especialmente para crianças pequenas. Qual a faixa etária indicada para ser trabalhada por esses livros? Em que momento eles podem ser utilizados? Podem ser indicados para criança pequena? Enfim... são muitas as questões oriundas dessa primeira fase de contato com os livros. Essas questões aparecem nos trechos dos portfólios selecionados anteriormente. Ao mesmo tempo em que há o encantamento pela possibilidade de discutir a temática com a criança ao mesmo tempo há o questionamento se disponibilizariam esse tipo de livro aos seus filhos e filhas.

O segundo momento do pressuposto teórico-metodológico adotado na disciplina foi a socialização de um roteiro de análise dos livros. As questões de conteúdo envolvendo os textos e ilustrações foram priorizadas. Novamente os livros são trazidos para serem relidos. Um deles deveria ser escolhido pelo/a acadêmico/a para uma discussão coletiva. Finalmente, em outro momento, realizar análise mais detalhada para relatada no portfólio. Abaixo vemos trechos de análise e da experiência desenvolvida.

“Ao analisar alguns livros infantis, logo foi possível perceber o quanto estes são feitos numa perspectiva na qual trazem em sua maioria uma concepção de infância assexuada, além de representar os meninos sempre mais ativos, utilizar uma linguagem masculinizada, numa perspectiva heteronormativa e até a reprodução voltada para a agropecuária. Esconder ou fantasiar os fatos para as crianças não simplesmente adiar tal conhecimento, é deixar que a criança procure por outros meios de informações e até obtenha um conhecimento errado e distorcido. Durante as análises e discussões, aprendi que se há duvidas da parte da criança, já é chegada a hora de saber tal conhecimento. Portanto nós quanto educadoras além de respondermos tais dúvidas, somos responsáveis em transmitir uma educação sexual de qualidade e fazer a escolha de um livro na qual não ignore os conceitos estudados nessa disciplina e por sua vez apresente o mínimo de critérios essenciais que contribuam para a formação desse sujeito.” (Trecho do Portfólio de acadêmica de Pedagogia – 3<sup>a</sup>. série).

“Essa aula foi muito especial pois pudemos ter a oportunidade de ter acesso a mais de 70 livros direcionados às crianças e aos/as adolescentes. Encontramos muitos livros que trazem em si uma certa infantilização como recurso didático achando que as crianças entendem melhor se tiver desenhos com carinhas nos óvulos e espermatozóides. Há uma grande visibilidade masculina no sentido de colocar os meninos como ativos e as meninas como passivas, aumentando ainda mais a segregação entre os gêneros. O que mais pudemos perceber foi a linguagem masculina padrão e uma concepção de família ‘estruturada-burguesa’. No entanto o que mais me incomodou em encontrar nesses livros foi a perspectiva heteronormativa como se não existissem outras manifestações sexuais, tendo a heterossexualidade como sendo a única orientação sexual normal. Outro ponto



relevante sobre os livros é a questão agropecuária, pois muitos livros investem em uma comparação entre humanos e animais, deixando de mencionar aspectos que seriam muito mais significativos para as crianças.” (Trecho do Portfólio de acadêmica de Pedagogia – 3<sup>a</sup>. série).

A análise dos livros foi realizada a partir da apropriação teórica dos vários conceitos trabalhados na disciplina. Os livros ao mesmo tempo em que puderam propiciar a discussão teórica também possibilitaram a possibilidade de ser instrumento mediador para a futura prática pedagógica com crianças. A possibilidade de diálogo foi materializada com a análise dos livros e com isso a percepção de que as crianças são seres sexuados e que necessitam de espaço para a discussão livre sobre suas dúvidas e teorizações sobre sexualidade, gênero e diversidades.

Outro aspecto significativo a ser observado na execução dessa análise é de houve um consenso entre os/as acadêmicos de que não há um livro que possa ser considerado como ‘ideal’. No entanto os adultos e, em especial, os/as educadores/as deveriam ter elementos teórico metodológicos para escolha e problematização dos livros junto e com as crianças.

A análise também propiciou reflexões para além da prática pedagógica ou da necessidade premente de discutir as temáticas dos livros com as crianças. Ela perpassou a própria reflexão pessoal sobre os conhecimentos sobre os assuntos abordados na disciplina bem como a presença desses livros como elementos de constituição identitária desses sujeitos.

“Esse contato com os livros e proporcionou a oportunidade de ver como a sexualidade se constitui com as temáticas propostas em cada aula. Fiquei pensando que com certeza se este contato fosse há meses atrás eu os teria achados ‘perfeitos’, mas algumas perspectivas como a do livro ‘Vir ao mundo’ podem sim ser trabalhadas e mais, põe abaixo minha ideia de que existe idade para trabalhar isto ou aquilo. Entendi que esse contato deve partir do interesse dos indivíduos e que quando isso acontecer, será o momento oportuno para se trabalhar.” (Trecho do Portfólio de acadêmica de Pedagogia – 3<sup>a</sup>. série).

“Gostei muito de realizar essa tarefa especialmente quando vi o livro ‘Mamãe como eu nasci’, pois aconteceu um fato comigo quando eu era criança (que já havia esquecido mas me lembrei novamente ao ver o livro). Certa vez quando estava na 3<sup>a</sup>. ou 4<sup>a</sup>. série, a professora levou a minha turma para a biblioteca para aquelas aulas de leitura em que a professora solta as crianças para lerem o que quisessem. Pois bem, eu estava olhando os livros infantis quando encontrei esse livro, meio escondido dentre os outros e peguei para olhar. Quando comecei a folhear as páginas percebi do que se tratava e fechei na hora por medo e por vergonha de ser repreendida pela professora. Lembro-me que eu abria, olhava um pouco e fechava se alguém se aproximava. E fiquei assim, abrindo e fechando o livro... olhando... não querendo olhar por um bom tempo. Coloquei no lugar e não disse nada a ninguém.” (Trecho do Portfólio de acadêmica de Pedagogia – 3<sup>a</sup>. série).

No primeiro trecho vemos que a acadêmica já faz uma reflexão sobre o passado próximo em relação ao seu conhecimento sobre o teor dos livros. Também aponta a necessidade de se escutar as crianças como critério no momento da escolha. São elas que indicam a possibilidade de diálogo que pode ser propiciada com a utilização dos livros em



momentos da prática pedagógica. O segundo depoimento também se mostra relevante pois demonstra como o livro foi utilizado na infância da acadêmica. O misto de curiosidade, medo, vergonha e falta de diálogo se mostra presente na narração da acadêmica. Esse fato acontecido provocou discussões sobre a sua constituição identitária como futura docente de crianças.

### *Breves considerações finais*

O que se pretendeu nesse artigo foi destacar o livro para a infância com as temáticas de gênero, sexualidade e diversidades/diferenças como instrumentos pujantes para pesquisas e para mediar conceitos e provocar reflexões em momentos de formação docente. Apresentei alguns dados de pesquisa que provocam e instigam a questionar os conceitos apresentados e para constituir repertório analítico de educadores/as para a produção de critérios de escolha e de trabalho com os referidos livros. Não se trata de encontrar o livro que seja considerado o mais ‘politicamente correto’ ou o ‘mais ideal possível’ e, sim, provocar nos sujeitos adultos e também nas crianças reflexões constantes sobre os vários artefatos culturais produzidos para a infância. Como os/as educadores/as da infância podem se apropriar desses conceitos e trazer os livros como aliados de momentos de diálogo, discussão e magia com as crianças? Essas são tentativas e possibilidades profícuas que necessitam ser promovidas em momentos de formação buscando a reflexão teórica sem, sobretudo, se esquecer da fuição, do desejo e do encantamento das histórias para crianças veiculados pelos livros.

### Referências: